

**Economia Criativa e a re-invenção da economia.**  
**(artigo elaborado para introdução do livro “*Compêndio de Indicadores de Sustentabilidade de Nações*”, de Anne Louette)**  
**Versão reduzida**

**Lala Deheinzelin**

Evoluímos em saltos e estamos no meio de um deles. Um salto enorme, pois marca a transição de séculos (milênios?) onde a centralidade da vida esteve organizada em torno do material, tangível para uma época onde o intangível desempenha papel cada vez mais central. Este é também um momento de crise de recursos, pois terra, ouro, petróleo são finitos, se esgotam, o que reforça o potencial que os recursos intangíveis oferecem. Conhecimento, cultura e criatividade não apenas não se esgotam como são os únicos recursos que se renovam e multiplicam com o uso. Divido com você uma maçã, temos metade cada. Divido com você meu conhecimento e temos o triplo: o seu, o meu e o que resultou da interação.

Enquanto o tangível/material é finito e limitado, o intangível é elástico, ilimitado, e pode ser o caminho para novos modelos inclusivos, baseados em cooperação. Quando somado às tecnologias digitais (e bits também são infinitos) temos uma pluralidade de opções colaborativas e surge um novo termo: “economia da abundância” que pode originar modelos mais solidários de viver.

E mais: atividades baseadas em recursos intangíveis são multi dimensionais, podendo atuar nas quatro dimensões da sustentabilidade: econômico, social, ambiental e simbólico/cultural. Tem um forte impacto econômico, é certo, mas podem ir além, atuando como fator de interação social, ambientalmente correto e que fortalece os valores, diferenciais e credibilidade de comunidades e empresas.

Tudo isso em teoria é maravilhoso, representa um potencial que mais parece uma galinha de ovos de ouro. O problema é que, permanecendo presos a modelos do passado, nossas políticas e estruturas resultam em canja de galinha de ovos de ouro.

Ao adotar como parâmetros exclusivamente o econômico, nos mantemos presos a modelos do passado e o desafio agora é fazer com que as lideranças dos setores público, privado, terceiro setor e empreendedores criativos tenham consciência da mudança de época em que estamos, os enormes potenciais que ela oferece e a mudança de mentalidade e políticas para aproveitá-los. Um tema central é a necessidade de mudar os indicadores de riqueza e as formas de mensuração e avaliação. Tentar avaliar quantitativamente os recursos intangíveis ou as quatro dimensões que são os pilares da sustentabilidade é como tentar medir litros com régua. Impossível. Não se pode medir de forma linear o que é multidimensional.

A própria economia terá que ser revista, já que uma de suas definições era “gestão dos recursos escassos”. Criatividade e cultura são recursos abundantes, especialmente nos países do hemisfério sul, e representam um enorme patrimônio, que pode provocar uma revisão no conceito de riqueza e pobreza. Recurso é muito mais que dinheiro e deve, além do econômico, incluir as dimensões cultural, social e ambiental.

A prática mostra que a equação do desenvolvimento sustentável não é apenas econômica. Cada dimensão tem seus próprios capitais: capital humano, capital cultural, capital social, capital ambiental. Isso leva a um intercâmbio de moedas ainda pouco reconhecido e estudado: o investimento feito em moeda-dinheiro, por exemplo, pode ter um retorno em moeda-social; o investimento realizado em moeda-ambiente pode gerar um retorno em moeda-simbólica, e assim por diante. Exemplos como da música no Pará ou audiovisual na Nigéria mostram essa conversão de “moedas”: a chave do sucesso destes modelos está na distribuição, pois quem vende os produtos são os camelôs. Neste processo deixa-se de receber a moeda-dinheiro dos direitos autorais, mas recebe-se em moeda – visibilidade, que torna os autores conhecidos e desejados, ampliando o mercado, que por sua vez gera moeda - inovação constante e tudo isso cria um processo amplo e dinâmico que ao final gera moeda-dinheiro.

Mensurar o intangível é também passar de uma visão exclusivamente quantitativa para uma visão que inclui o qualitativo. O foco em resultados deve ser ampliado para incluir avaliação de impactos: verificar o que mudou, que benefícios foram gerados nas outras dimensões além da econômica. Avaliar resultados de programas de música na favela, como os do Affroreggae, pelo número de músicos que se profissionalizou é como medir litros com régua. Quanto vale a auto estima de uma comunidade? Quanto valem vidas poupadas? Quanto vale acreditar que há futuro?

Avaliar e medir atividades criativas e culturais requerer parâmetros que ainda não foram desenvolvidos. Por exemplo: a economia da dança é pequena, talvez a parca soma de bailarinos, coreógrafos e espetáculos. Mas a economia do “dançar” é grande, pois inclui as festas populares (como o carnaval); a vida noturna; toda “fitness” com seus respectivos equipamentos, espaços, conteúdos, adereços e etc.

Da mesma forma que ao nível micro, do desenvolvimento local, os projetos e suas formas de avaliação e mensuração deveriam ser multidimensionais e ter “capitais” e “moedas” que correspondam a estas dimensões, o mesmo acontece no nível macro, dos indicadores de riqueza e desenvolvimento que avaliam estados e nações.

Indicadores que de fato mereçam este nome devem incluir as riquezas e diversidade natural e cultural; os pilares das relações profissionais e pessoais: ética, auto estima, solidariedade e confiança e fatores que garantam qualidade de vida num sentido mais amplo, como o proposto pela Felicidade Interna Bruta do Butão.

Enfim, pela primeira vez na história temos recursos, conhecimento e pessoas para criar o mundo que desejamos e merecemos. O fator mais urgente para que possamos aproveitar essa oportunidade rara, e que fica ainda mais urgente e explícita diante da crise causada pelo “financismo” predatório, significa talvez uma re-invenção da economia.

Estamos saindo de um momento, que trouxe muita inovação, onde os vários setores e linguagens tiveram que se “economicizar”, para um momento em que a economia necessitará se ampliar e fazer jus ao Eco que carrega no nome, que vem de Oikos (casa, lar) como na Ecologia. Uma nova Economia para a gestão dos recursos abundantes que os recursos intangíveis e a tecnologia oferecem, em um mundo

baseado na percepção de nossa interdependência e portanto ciente que a chave está na cooperação. Uma nova economia *Inclusiva*, cuja dinâmica venha da relação harmônica entre macro economia de escala e a micro economia de nicho. Uma nova economia que vai necessitar novas medidas, moedas e indicadores.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.